

# “Eu prefiro contar uma história real” diálogos sobre o racismo no cotidiano de três pesquisadores negros do sul do Brasil

Luana Marcon Martins<sup>1</sup>

Maria Júlia da Costa Manoel<sup>2</sup>

Matheus dos Santos Mathias<sup>3</sup>

## Resumo

O trabalho apresenta experiências de três pesquisadores negros em relação aos meios de dominação e opressão de corpos pretos: ambiente acadêmico, escolar e museológico. Identificando as formas de opressão ao ser preto, e como somos afetados em outras dimensões de nossas vidas, entendendo que, a cada livro aberto, a cada gole de consciência racial, somos atravessados. Através da escrevivência como metodologia de pesquisa, tensionamos os meios em que ocorrem as relações de dominação do corpo preto nos espaços de poder. Ao final dos relatos, há uma discussão de como os meios de dominação dos corpos pretos afetam a negritude dos pesquisadores contemplando as dificuldades e possíveis resoluções.

Palavras-Chave: Negritude, Escrevivência, Racismo, Anticolonialismo.

## 1. Introdução

Quando Racionais MC's canta que “prefere contar uma história real”, representa para nós, a partir da letra e também do nosso cotidiano, como a sociedade brasileira racista apaga e esquece propositalmente as mãos negras que ergueram este país através dos conhecimentos, mãos de obra, culturas e resistências negras. O colonialismo tirou a propriedade histórica dos negros, e através da escrevivência, dos nossos relatos, reafirmamos nossa luta diária e nossa resistência. Essa escrita é um grito de sobrevivência na academia branca-colonial-eurocêntrica. Como questão suleadora: como ocorrem as dominações e opressões de corpos pretos no ambiente acadêmico, escolar e museólogo?

## 2. Objetivo

Nossa pesquisa tem como objetivo geral: Identificar as formas de dominação e opressão dos corpos pretos no espaço escolar, na universidade e no museu; e como objetivo específico:

<sup>1</sup> Bacharel em educação física pela Universidade do extremo sul catarinense (UNESC), mestranda no Programa de pós-graduação em desenvolvimento socioeconômico, Universidade do extremo sul catarinense – UNESC, luamarcconn@unesc.net

<sup>2</sup> Graduanda em história, Universidade do extremo sul catarinense - UNESC, maria.101967@unesc.net

<sup>3</sup> Graduando em história, Universidade do extremo sul catarinense – UNESC, santosmatias99@gmail.com

analisar como essas formas de opressão atravessam nosso aprendizado, e também, outras dimensões das nossas vidas.

### 3. Metodologia

Subvertendo a lógica colonial e hegemônica, utilizamos a escrevivência como método de pesquisa. Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita nos pertencem também. (EVARISTO, 2020, p. 30). Grada Kilomba questiona quem pode falar e produzir conhecimento na universidade. “Não é que nós não temos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido” (KILOMBA, 2019, p. 51). Sua crítica destaca a necessidade de uma subversão epistemológica contra a produção eurocêntrica do conhecimento, que marginaliza a produção de intelectuais negres (Bispo, 2023).

Para que nossos leitores entendam, elaboramos uma questão direta para que cada autor responda a partir das nossas experiências, seja ela na academia ou em outras dimensões da vida.

### 4. Fundamentação teórica e discussão

- *Entrevistadora:* Maria Júlia, como tu acredita que ocorrem as dominações dos corpos pretos no ambiente escolar?

Maria Júlia: “Falando aqui, como estagiária atuo como segunda professora nas séries iniciais, acredito que as dominações se dão através das estratégias fundamentadas pelo colonialismo para perpetuar a dominação do corpo e espírito preto. Sendo mulher negra e militante, me obrigo a observar cenários ou ocasiões, comentários, que mal consigo intervir, pois estou “abaixo”, sou apenas auxiliar da professora branca, em uma instituição branca, onde pedagogas observam o cabelo de uma criança negra e dizem que é bagunçado, sujo, mal cuidado, ou têm contato com uma criança negra com mais atitude e as castigam pois falam alto demais ou questionam demais. Por trás de normas, repreensões e correções, a negritude nas escolas é apagada. A proibição de tranças, dialetos, gírias e comportamentos que segundo os brancos são “inapropriados”, talvez

selvagens e agressivos, entre outros preconceitos violentos, são uns dos métodos mais presentes no ensino básico, onde os cabelos de meninas e meninos negros são motivo de olhos tortos mesmo de alguns professores. A educação que não abraça a negritude, além de racista, também é uma educação fadada ao fracasso (bell hooks, 2021). Pensando em uma educação anticolonial, mais especificamente uma educação democrática (bell hooks, 2022) que abrange os movimentos sociais, e estão alinhados com o cotidiano das crianças, não servindo ensinamentos apenas dentro das quatro paredes de uma sala de aula, mas permitindo que essas crianças se enxerguem além da margem, consigam se imaginar no centro, para que seus corpos não sejam violentados e nem sejam vítimas de um epistemicídio silencioso (Meggy Rayara, 2020). A falta de obras negras para crianças não é a raiz do problema nas escolas, mas a falta de referenciação destas que por muitas vezes, pensando nas cantigas, brincadeiras, danças, têm como origem na cultura afro-brasileira. Sem contar com a verdadeira matriz da estrutura física do país que foi, e é toda construída com mãos pretas, que muito provavelmente tem ligação com essas crianças. Imaginem o poder dessa informação nas mãos delas? A estima de saber que seus ancestrais são as cabeças para a desenvoltura deste país? Que muitas coisas que usufruímos hoje foram criadas por pessoas negras como eu, como essas crianças? O poder que esse viés ensina, o empoderamento que informações como essas desenvolvem, traz medo aos que nos dominam, amedronta quem escolhe a dedo qual história será contada. O poder das memórias afro-brasileiras, pode tirar a memória popular que foi enquadrada por um governo racista constituído através de golpes e mortes de pessoas pretas, através da disputa da memória que mesmo nos tempos atuais ainda tenta apagar a memória do povo negro (Toni Morrison, 2018). Trabalhando esse tema de memórias, todas as segundas tínhamos que cantar os hinos, e ao tocar o “hino de Santa Catarina” analisei por alguns breves segundos trechos como: ‘não mais diferenças de sangues e raças, não mais regalias sem termos fatais, a força está toda do povo nas massas, irmãos somos todos e todos iguais’, fiquei realmente impactada, pois de todos os meus anos de vida, e observando o cotidiano de meus alunos, não consegui ver as algemas da escravidão retiradas, nem a igualdade entre os sangues e raças. Pelo contrário, observei docentes falarem que não iriam trabalhar o dia da Consciência Negra pois eram brancas e não eram suas responsabilidades, não tinham conhecimento sobre, conheci duas professoras negras em uma escola com vinte professoras brancas, alunos que reproduziam em sala os preconceitos dos pais e se recusavam a sentar junto a colegas negros. Com esses exemplos, se torna óbvio que o

Sul brasileiro não quebrou corrente alguma, continuamos resistindo às repressões que nos adoecem, nos torturam. Temos que lutar mesmo sem forças, pois a branquitude não se reconhece como branca, muito menos como opressora, ou responsável por estudar para que tenhamos um ambiente igualitário (Cida Bento, 2022).

- *Entrevistadora*: Luana e como essas dominações ocorrem na universidade?

Luana: “sou uma estudante negra, lésbica, que não performa a feminilidade que a branquitude dita como regra, que o estado tenta regular a todo custo, é importante destacar isso. Então, minha experiência no mestrado se dá a partir disso, porque quando eu chego, a primeira coisa que as pessoas reparam em sala de aula, é que sou negra. Vejo que o racismo vai se atualizando, a supremacia branca (bell hooks, 2021) cada vez mais vai naturalmente tomando os espaços. Outro dia falei em sala de aula sobre o pacto da branquitude (Cida Bento, 2022) que os brancos da academia não precisam se reunir às cinco horas da manhã para escolher um acadêmico negro para atacar, simplesmente acontece, eles estão nesse lugar da posição social, lugar de privilégio, porque branquitude é isso, esse lugar de privilégio e posição social a partir da raça. As violências ocorrem nos corpos que são vistos no lugar de não humanidade, na *zona do não ser* (Frantz Fanon, 2008), enquanto a branquitude está na *zona do ser*, é isso, eles acreditam que nós, estudantes negres, não deveríamos estar ali. São muitas camadas, são episódios do racismo no cotidiano acadêmico que nos adoecem, a *zona do não ser* é um lugar de autorização para a violência, desafeto, lugar de desassossego. Eu não estou vivendo o mestrado, gostaria muito, mas não, estou sobrevivendo, e todos os dias lutando muito para não desistir do meu desejo de ser professora de graduação, porque quanto mais eu me coloco nesse espaço, mas eles gritam que esse lugar não me pertence. Dias atrás, conheci a primeira professora negra da universidade que estudamos, e ela foi professora na graduação em educação física, minha área de formação e atuação. Esse encontro me trouxe um fôlego de vida, um respiro, uma vontade de continuar que eu nem sabia que ainda existia dentro de mim. As disciplinas do mestrado acabaram, amém, não aguentava mais olhar ter que escolher todos os dias quais guerras eu iria entrar, toda aula uma discussão sobre a mesma coisa, o fato de que não aceitam que pretos existem, resistem e sobrevivem a essa lógica de ensino tão violenta”.

- *Entrevistadora*: Matheus e essas dominações dos corpos pretos no museu? Que é o espaço que tens se debruçado a estudar e questionar.

Matheus: “A dominação é muito velada, é quase imperceptível. Os museus são espaços de antíteses, é onde há memória e esquecimento. Mas esse esquecimento não é involuntário. Por se tratar de um espaço público, traz uma sensação de uma certa neutralidade, mas Françoise Vergès (2023) coloca que o museu não é um espaço neutro e de fato ele não é. Quando iniciei meu estágio em junho de 2024, comecei a questionar, então conheci a reserva técnica, quem coordena o espaço, os/as funcionários/as e perguntei pra mim mesmo: Onde está a população negra de Araranguá neste museu? Quais foram nossas contribuições para a formação do município? Por que esse museu não tem um elevador pra ajudar na mobilidade de pessoas com deficiência? Por que um município que se diz “do povo” deixa as/os funcionárias/os em péssimas condições de trabalho? Foram essas perguntas e muitas outras que me fizeram perceber o ambiente racista e violento que são os museus. Mário Chagas diz que os museus precisam “admitir a presença de sangue” (CHAGAS, 1999, p. 19). A origem do museu é de roubo e pilhagem (VERGÈS, 2023), ou seja, construído a partir da violência, do abuso, do sangue de pessoas. E o que se inicia com os “Museus Universais” séculos atrás, a ideia colonialista de museu continua presente. A exclusão, negação da população preta nos lugares de poder de decisão, nas exposições, dos restos mortais que tem dentro daquela reserva técnica e o que o grande público vê, mas geralmente não percebe: o controle das narrativas. A historiografia apresentada é totalmente eurocentrada e acaba estereotipando povos africanos, por exemplo. Então entra aqui o meu papel como mediador das visitas, trazer outras referências que divergem daquelas já estampadas nas paredes. A violência está no silêncio, que por meio de minhas referências tento mediar e ampliar os questionamentos dos estudantes e professores. O Mc Abebe Bikila ou BK’ como é mais conhecido diz na faixa “Carta Aberta” do Álbum Icarus (2022) que “Ninguém vai poder te mostrar o caminho, ande por onde fizer sentido” e estar dentro de um museu, trazendo uma contranarrativa negra araranguense é por onde quero caminhar, apesar de que como Vergès (2023) diz: a revolução não será um jantar de galas. É a partir da utopia de eliminar as narrativas racistas que tiro a força de continuar sendo antirracista”.

## 5. Considerações finais e conclusão

Iniciamos as considerações explanando que a maior tensão ao entrarmos em espaços brancos, coloniais, é a dificuldade da branquitude de entender que não vamos nos “branquear ou desaparecer” (Frantz Fanon, 1952), mesmo que, muitas vezes para não nos colocarmos em posições de desconforto deixamos de falar, todos os dias precisamos escolher nossas batalhas dentro da universidade. Existe um esforço grandioso para não perdermos nossa identidade,

quanto mais estudamos, mais atentos estamos para os episódios de racismo no cotidiano, seja ele acadêmico, escolar ou museológico. Encontrar nossos pares para que quando um de nós acender, outros possam vibrar e acender também. Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta (Angela Davis, 2016). Nos organizamos assim, lado a lado, nos fortalecendo contra o racismo, contra o epistemicídio, e todas as violências que nos oprimem na academia.

### Referências

- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.
- BISPO, Fábio. *Escrevivência como metodologia de pesquisa em psicanálise*. Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica, 26, e273037. SciELO, Vitória/ES, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/8syVs7ZYRZjXKzpfhpGNXdm/?lang=pt> Acesso em: 16. dez. 2024.
- BK'. *Carta Aberta*. Rio de Janeiro: Gigantes: 2022. <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5N8oEE4FOpUMrygt4T9D7w?si=a97ce5c4e1374d9a> (4min21s)
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Boitempo editorial, 2016.
- DE SOUZA CHAGAS, Mário. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. 1999.
- EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas (1952)*. São Paulo: Editora Ubu, 2020.
- HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: editora Elefante, 2021.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019.
- VERGÈS, Françoise. *Decolonizar o Museu: programa de desordem absoluta*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

## **“I prefer to tell a true story”, dialogues about racism in the daily lives of three black researches from Southern Brazil**

### **Abstract**

This work presents experiences about three black researches in relation to the means of domination and oppression of black bodies: academic, school and museum environments. Identifying the forms of oppressions of black beings, and how we are affected in others dimensions of our lives, understanding that with each open book, with each sip of racial consciousness, we are traversed. Writing-living as a research methodology we stress the means in which the relations of domination of the black body occur in spaces of power. At the end of reports, there is a discussion of how means of domination of black bodies affect the blackness of the researches, considering the difficulties and the possible solutions.

Keywords: Blackness, Writing-living, Racism.

## **“I prefer to tell a true story”, dialogues sur le racismisme dans la vie quotidienne de trois chercheuses noires du sud du Brésil**

### **Résumé**

Ce travail présente les expériences de trois chercheuses noires face aux moyens de domination et d’oppression des corps noirs : milieux académiques, scolaires et muséaux. Il s’agit d’identifier les formes d’oppression vécues par les personnes noires, et la manière dont elles nous affectent dans d’autres dimensions de nos vies, en comprenant qu’à chaque livre ouvert, à chaque gorgée de conscience raciale, nous sommes traversées. En écrivant-vivant comme méthodologie de recherche, nous soulignons les mécanismes par lesquels les relations de domination des corps noirs se produisent dans les espaces de pouvoir. À la fin des récits, une discussion est proposée sur la façon dont ces moyens de domination affectent la négritude des chercheuses, en considérant les difficultés et les solutions possibles.

Mots-clés : Négritude, Écrire-vivre, Racisme.

## **“I prefer to tell a true story”, diálogos sobre el racismo en la vida cotidiana de tres investigadoras negras del sur de Brasil**

### **Resumen**

Este trabajo presenta experiencias de tres investigadoras negras en relación con los medios de dominación y opresión de los cuerpos negros: entornos académicos, escolares y museísticos. Se identifican las formas de opresión de los seres negros y cómo estas nos afectan en otras dimensiones de nuestras vidas, entendiendo que con cada libro abierto, con cada sorbo de conciencia racial, somos atravesadas. Escribir-vivir como metodología de investigación permite enfatizar los modos en que ocurren las relaciones de dominación de los cuerpos negros en espacios de poder. Al final de los relatos, se desarrolla una discusión sobre cómo los medios de dominación afectan la negritud de las investigadoras, considerando las dificultades y las posibles soluciones.

Palabras clave: Negritud, Escribir-vivir, Racismo.